

## PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E ECONÔMICO DE PAIS ADOLESCENTES

### SOCIODEMOGRAPHIC AND ECONOMIC PROFILE OF TEENAGE FATHERS

### PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO Y ECONÓMICO DE PADRES ADOLESCENTES

Sonia Maria Konzgen Meincke<sup>I</sup>  
Débora Raquel Soares Guedes Trigueiro<sup>II</sup>  
Telma Elisa Carraro<sup>III</sup>  
Silmary da Silva Brito<sup>IV</sup>  
Neusa Collet<sup>V</sup>

**RESUMO:** Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem quantitativa, que objetivou traçar o perfil sociodemográfico e econômico de pais adolescentes vinculados a puérperas adolescentes internadas em um hospital de referência para gestações de alto risco, no município de João Pessoa-PB. O estudo foi realizado no período de dezembro de 2008 a novembro de 2009. A amostra foi constituída de 10 pais adolescentes entre 16 e 19 anos. São resultados: 40% declararam ser pardos, 60% não concluíram o ensino fundamental, 70% trabalham. Todos afirmaram manter vínculo conjugal com a companheira, sendo que apenas 40% moram exclusivamente com a puérpera e o filho e 90% vivem com menos de um salário mínimo. Conclui-se que é indispensável a construção de um lugar social para a paternidade, sobretudo a paternidade adolescente. É preciso lembrar que a gravidez adolescente não é um evento exclusivamente feminino e que não haverá efetiva resolução se não for dada maior atenção ao gênero masculino.

**Palavras-chave:** Adolescente; gravidez na adolescência; paternidade; condições sociais.

**ABSTRACT:** The present article aims at delineating the sociodemographic and economic profile of teenage fathers linked to puerperal teenagers at a referral hospital for high-risk pregnancies in João Pessoa, PB, Brazil. It results from a descriptive study with quantitative approach, developed from December 2008 to November 2009. The sample consisted of 10 teenage fathers aged from 16 to 19. Among them, 40% declared themselves to be mulattos, 60% did not conclude basic education, and 70% of them stated they have a job. All of them stated they maintained a marital bond with their consorts, but only 40% of them lived exclusively with their consorts and their children. Furthermore, 90% of the interviewees live with less than one minimum wage. Conclusions show it is critical to build a social place for fatherhood, specially the teenage type. It is necessary to enhance that teen pregnancy is not an exclusively female event, and if males do not receive more attention, there will be no effective resolutions.

**Keywords:** Teenager; teen pregnancy; fatherhood; social conditions.

**RESUMEN:** Se trata de un estudio descriptivo, con abordaje cuantitativa, que tuvo como objetivo trazar el perfil sociodemográfico y económico de padres adolescentes vinculados a puérperas adolescentes internadas en un hospital de referencia para gestaciones de alto riesgo en el municipio de João Pessoa- PB - Brasil, en el periodo de diciembre de 2008 a noviembre de 2009. La muestra fue constituída por 10 padres adolescentes entre 16 y 19 años. Son resultados: 40% declararon ser pardos, 60% no habían concluido la enseñanza fundamental, 70% trabajaban. Todos afirmaron mantener vínculo conyugal con la compañera, de los cuales apenas 40% vivían exclusivamente con la puérpera y el hijo, 90% vivían con menos de un salario mínimo. Se concluye que es indispensable la construcción de un lugar social para la paternidad, sobretudo para la paternidad adolescente. Es preciso recordar que el embarazo adolescente no es un evento exclusivamente femenino y que no habrá mayores resoluciones si no es dada mayor atención al género masculino.

**Palabras clave:** Adolescente; embarazo en la adolescencia; paternidad; condiciones sociales.

## INTRODUÇÃO

Segundo a legislação brasileira, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) considera adolescente aquele que está na faixa etária de 12 a 18 anos.

No entanto, para a Organização Mundial da Saúde (OMS), adolescência ou juventude é o período de vida compreendido entre 10 e 19 anos<sup>1</sup>.

<sup>I</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: meincke@terra.com.br.

<sup>II</sup>Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: deborasgt@hotmail.com.

<sup>III</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. E-mail: telua@hotmail.com.

<sup>IV</sup>Enfermeira. Graduada pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: silmary\_ce@hotmail.com.

<sup>V</sup>Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente do Departamento de Enfermagem de Saúde Pública e Psiquiatria da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, Paraíba, Brasil. E-mail: neucollet@gmail.com.

É uma fase conflitante, na qual ocorrem transformações físicas e emocionais importantes. Tais mudanças preparam a criança para assumir um novo papel perante a família e a sociedade<sup>2</sup>. Embora fisicamente os adolescentes já sejam capazes de engravidar, emocionalmente podem não estar maduros para serem pais e mães<sup>3</sup>.

A gravidez na adolescência representa um problema de saúde pública, considerando ser passível de ocasionar alterações na vida social, econômica, afetiva e familiar da jovem<sup>4</sup>. Embora a sociedade veja a mãe adolescente como a pessoa que mais sofre, o pai adolescente também sente as consequências com a gravidez em seu processo de escolarização e de responsabilidade financeira. Além disso, parece encontrar-se em estado de desvantagem no que diz respeito ao atendimento de suas necessidades<sup>5</sup>.

Ao estudar o processo histórico de construção das concepções sobre paternidade, percebe-se que a maternidade sempre foi vista como algo que faz parte da natureza feminina, até porque é a mulher quem carrega o filho no ventre. O resultado é a centralidade da mulher no processo de desenvolvimento, tanto emocional, quanto psicológico e social da criança. Em contrapartida, o fato de o homem não ser portador de um ventre gestante dificultou a ele os cuidados com a criança<sup>6</sup>.

Em pesquisas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e pelo Ministério da Saúde (MS), referentes à fecundidade, são investigados apenas o número de mulheres que se tornaram mães e o número respectivo de filhos, deixando de lado dados correspondentes aos pais destas crianças. Este fato mostra um desinteresse em conhecer a real participação paterna nesse cenário, favorecendo sua exclusão em determinados programas de políticas públicas<sup>7</sup>, principalmente aqueles voltados para a saúde.

Por outro lado, a paternidade tem inquietado investigadores, uma vez que a grande maioria deles direciona o olhar para a maternidade. “Esse fato pode ser evidenciado na produção acadêmica sobre a paternidade, a qual é escassa, quase invisível, quando comparada à maternidade”<sup>8:84</sup>.

Diante do exposto, percebe-se a relevância da realização de pesquisas voltadas para esta população, pois podem contribuir para a compreensão da vulnerabilidade da paternidade adolescente. Portanto, o trabalho objetivou traçar o perfil sociodemográfico e econômico de pais adolescentes vinculados a puérperas adolescentes internadas em um hospital de referência para gestações de alto risco no município de João Pessoa-PB.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A juventude ocorre por um processo de transição para a vida adulta, sendo as transformações decorrentes desse percurso consolidadas por condições sociais mui-

to distintas, como gênero e classe social<sup>9</sup>. Durante a adolescência, é preciso que ocorra definição de identidade sexual, profissional e pessoal, ampliando seu mundo social para além da família, por meio das amizades, do trabalho e das relações afetivas, do pensar de forma abstrata e lidar com as transformações corporais<sup>10</sup>.

Para o adolescente, vivenciar a sexualidade com uma parceira expressa uma das experiências que causa maior repercussão em sua vida. Trata-se do descobrimento do novo e um processo de experimentação pessoal, profundamente influenciado por fatores sociais e culturais do grupo a que pertence<sup>11</sup>. Tal vivência pode ser condicionada por circunstâncias de geração/idade, de raça/cor, geográfica, entre outras<sup>12</sup>.

A vivência da paternidade na adolescência pode trazer desvantagens, dificuldades e perdas sociais que não só interferem na vida dos adolescentes de forma individual, como também repercutem no ambiente conjugal, familiar e social<sup>13</sup>.

De acordo com os índices estatísticos identificados, a gravidez na adolescência vem sendo tratada como fenômeno crescente, porém a paternidade na adolescência ainda permanece quase inexplorada, tanto no meio científico, quanto no social<sup>14</sup>. No Brasil, parte dos estudos que tratam sobre o tema maternidade na adolescência define como objeto de investigação a população de jovens grávidas que frequentam serviços de saúde, sendo poucos os estudos populacionais e aqueles que incorporam a perspectiva masculina e as circunstâncias familiares nos quais o fenômeno está inserido<sup>9</sup>.

Outra problemática referente à saúde do adolescente é que são raros os serviços de saúde voltados para esta faixa etária específica, até mesmo quando se fala de um modelo de saúde voltado para a cura, sendo os atendimentos individuais e coletivos ainda mais escassos<sup>15</sup>.

No tocante à assistência ao pré-natal, esta parece estar moldada pela construção cultural, representada em uma visão *machista* e *sexista* erguida ao longo do tempo, pois ainda persistem em muitas famílias ocidentais o papel da mãe como sendo responsável pelo cuidado diário, bem-estar físico e emocional dos filhos e a administração de conflitos familiares; e, ao pai, cabe o sustento financeiro e a transmissão de valores morais, educativos e de autoridade<sup>16</sup>.

Para compreender paternidade na adolescência como questão social, fazem-se necessários investimentos políticos e técnico-científicos<sup>14</sup>, pois parte dos parceiros das mães adolescentes são adolescentes também<sup>16</sup>. Por conseguinte, os estudos demográficos, como psicossociais e epidemiológicos, são frequentemente restritos às mulheres, reforçando a invisibilidade social do parceiro masculino. Além disso, o esforço para delinear o perfil sociodemográfico dos jovens está longe de ter um interesse puramente teórico ou acadêmico<sup>17</sup>.

Diante do exposto, fica evidente a escassa produção científica sobre a paternidade na adolescência e a dificuldade de ter acesso a dados sobre pais adolescentes, indicando um velamento em torno do tema e uma recusa social em reconhecer a paternidade na adolescência.

## METODOLOGIA

Estudo vinculado à pesquisa multicêntrica intitulada *Redes sociais de apoio à paternidade na adolescência*,<sup>18</sup> desenvolvida em três universidades públicas federais (Universidade Federal de Pelotas – coordenação geral –, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal da Paraíba). Buscando-se traçar o perfil socioeconômico de pais adolescentes, optou-se por desenvolver um estudo do tipo descritivo com abordagem quantitativa, realizado no período de dezembro de 2008 a novembro de 2009.

Os sujeitos da pesquisa foram 10 pais adolescentes indicados pelas puérperas adolescentes internadas em um hospital universitário de João Pessoa-PB. Os critérios de inclusão dos sujeitos da pesquisa foram idade inferior a 20 anos e residir no perímetro urbano. No período da coleta, ocorreram 85 internações de mães adolescentes na clínica obstétrica do hospital em estudo, das quais 13(15,3%) engravidaram de pais adolescentes. Destes, três não aceitaram participar do estudo.

Para a coleta de dados, utilizou-se um instrumento estruturado, composto de 20 questões relacionadas ao perfil sociodemográfico e econômico dos pais adolescentes: idade, cor da pele, estado civil, escolaridade, ocupação, idade que começou a trabalhar, principal fonte de renda, faixa salarial e situação de moradia atual. Os questionários foram aplicados em domicílio ou na clínica obstétrica do referido hospital, segundo a escolha do entrevistado.

Para sistematização e análise dos dados, foi utilizado o Programa *Statistical Package for the Social Sciences* – Pacote Estatístico para as Ciências Sociais (SPSS). As respostas do questionário foram codificadas, a fim de serem digitadas no programa para a construção do banco de dados. Os indicadores foram analisados, utilizando-se tratamento estatístico com números relativos e absolutos, sendo apresentados sob a forma de tabela.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas, tendo obtido parecer favorável sob o Protocolo número 007/2008, com ciência e autorização do Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW). Aos sujeitos da pesquisa, foram garantidos todos os direitos previstos na Resolução nº 196/96, do Conselho Nacional de Saúde<sup>19</sup>. Os responsáveis pelos pais adolescentes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para uma melhor compreensão e visibilidade social do processo da gravidez na adolescência, foram descritos dados sobre o perfil sociodemográfico e econômico dessa amostra.

A idade dos participantes variou de 16 a 19 anos, predominando a idade de 19 anos, ou seja, em 8(80%) casos. Em relação à cor da pele, prevaleceu a cor parda, com 4(40%) pais adolescentes, de acordo com os achados descritos na Tabela 1.

**TABELA 1:** Caracterização sociodemográfica e econômica dos adolescentes. João Pessoa/PB, Brasil, 2009. (N =10)

Variáveis	f	%
<b>Idade</b>		
16 anos	1	10
17 anos	1	10
19 anos	8	80
<b>Cor da pele</b>		
Branca	2	20
Parda	4	40
Preta	1	10
Outra	3	30
<b>Estado civil</b>		
Casado ou com companheira	10	100
<b>Situação de moradia atual</b>		
Com a família paterna	4	40
Com outros responsáveis	2	20
Nova família	4	40
<b>Escolaridade</b>		
Fundamental incompleto	6	60
Fundamental completo	2	20
Médio incompleto	2	20
<b>Trabalha</b>		
Sim	7	70
Não	3	30
<b>Faixa etária em que começou a trabalhar (anos)</b>		
10 - 13	2	29
14 - 16	4	57
<b>Principal fonte de renda</b>		
Renda da família do pai adolescente	5	50
Emprego	5	50
<b>Faixa salarial</b>		
Menor que 1 salário mínimo	9	90
Maior que 1 salário mínimo	1	10

Resultados como esses foram encontrados em uma pesquisa com pais adolescentes, na qual a maioria dos entrevistados declarou-se negro ou pardo e poucos declararam ser branco<sup>20</sup>. Quanto ao estado civil, todos afirmaram manter vínculo conjugal com a companheira, sendo que 4(40%) moram exclusivamente com a puérpera e o filho, constituindo um núcleo familiar independente, e os demais, embora convivam com a puérpera, ainda dependem de outros familiares (pais, irmãos ou sogros), conforme se observa na Tabela 1. Em estudo envolvendo a mesma

temática, verificou-se que a maioria dos pais adolescentes reside com a família de origem, com ambos os pais ou com apenas um deles<sup>9</sup>.

Autores constataram que os pais jovens permanecem residindo com a família de origem, devido às dificuldades econômicas, visto que a maioria deles não possui estabilidade profissional, em decorrência da idade e do contexto de marginalidade no qual estão inseridos, tornando-se dependentes do apoio da família<sup>21</sup>. Em contrapartida, em outro estudo, averiguou-se que pouco mais da metade de pais e de mães jovens não moram com a própria família ou responsáveis<sup>22</sup>. Esses estudos mostram as divergências no que diz respeito à situação de moradia dos pais adolescentes.

Embora haja unanimidade no quesito alfabetizado, é preocupante perceber que a maioria, equivalente a 7(70%) pais, parou de estudar por conta própria ou pela necessidade de trabalhar. Do total, 6(60%) ainda não concluíram o Ensino Fundamental, 2(20%) pararam no término desse nível e apenas 2(20%) alcançaram o Ensino Médio, não havendo ingresso de nenhum deles no Ensino Superior, o que pode ser verificado na Tabela 1.

Esse fato corrobora dados de uma pesquisa desenvolvida em Porto Alegre (RS), Rio de Janeiro (RJ) e Salvador (BA), na qual os jovens com filhos possuem menor nível de escolaridade em relação aos que não têm filhos, sendo o percentual destes mais elevado nos níveis médio e superior<sup>22</sup>.

Segundo os resultados obtidos, a maior parte, 7(70%) adolescentes, possui uma ocupação, sendo que apenas dois destes têm emprego formal: auxiliar de almoxarifado e ajudante em uma empresa de marketing. Os empregos informais mencionados são: servente, abastecedor de bebidas em um supermercado, instalador de ar-condicionado, vendedor de frutas e ajudante no mercadinho dos pais.

Resultados semelhantes foram observados em um estudo no qual as atividades desenvolvidas pelos jovens pais são aquelas características do mercado informal de trabalho, que fazem referência aos biscates ou *bicos*<sup>23</sup>, como os trabalhos informais citados anteriormente. Esses jovens priorizam o trabalho, ao invés dos estudos, na busca de autonomia financeira em relação aos pais, assim como a possibilidade de acesso ao consumo de bens materiais<sup>23</sup>. Dessa forma, a paternidade na adolescência aumenta a probabilidade de difícil acesso à educação e à melhoria das condições de vida do futuro desses jovens.

A idade em que começaram a trabalhar variou de 10 a 18 anos, conforme a Tabela 1. Nessa perspectiva, quando questionados acerca da principal fonte de renda para manter a família, 5(50%) dos pais empregados apontaram o próprio trabalho, mas os desempregados, junto com os de renda insatisfatória, indicam a família como mantenedora do lar. Desta-

ca-se que a renda mensal do pai jovem, em sua maioria, chega a ser inferior a um salário mínimo, ou superior a dois salários somente em um caso.

Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) do ano de 2001 mostram que, no Brasil, os jovens trabalhadores representam 28% do total de pessoas com idade entre 14 e 17 anos<sup>24</sup>. O adolescente que se insere no mercado de trabalho precocemente provavelmente encontrará restritas possibilidades de acesso a trabalhos que o valorizem e lhe forneçam melhor remuneração<sup>25</sup>, mantendo o jovem dentro de um ciclo repetitivo de pobreza já experimentado pelos pais<sup>26</sup>. Estudo revela que o trabalho precoce dos pais adolescentes ocorreu em razão da busca pela independência ou como contribuição para a manutenção das necessidades básicas da família<sup>14</sup>. Esses dados foram corroborados nesta pesquisa.

Ao considerar a renda mensal de toda a família, o valor oscila entre menos de um e mais de quatro salários mínimos, sendo dependentes dessa renda, em média, 5,4 pessoas, incluindo o pai adolescente. Essa média converge para os resultados encontrados no estudo,<sup>27</sup> que revelou haver maior concentração de jovens inseridos em domicílios compostos de quatro a seis pessoas e menor percentual de residências nas quais vivem sete pessoas ou mais.

Quando questionados acerca de quem assume o papel de chefe da família, apenas 3(30%) adolescentes se colocaram nessa posição, visto sua percepção de autonomia, frente a uma nova família que está sendo constituída e pelo fato de se apontarem provedores da casa. Os demais permanecem na dependência de familiares que já governam o lar (pai, mãe ou tios).

Estudo desenvolvido em Cuiabá (MT), que analisou as vivências e o significado da paternidade na adolescência, constatou que esses pais, mesmo trabalhando, continuaram dependentes de suas famílias de origem, por não terem condições financeiras de organizarem suas próprias moradias e ainda sustentarem suas novas famílias<sup>14</sup>. Mais uma vez, a questão financeira é destacada como definidora da situação do adolescente no processo da gravidez precoce.

Assumir o papel de pai adolescente parece implicar responsabilização financeira da nova família que surgiu a partir da gravidez não planejada e precoce, havendo certo compartilhamento de responsabilidade com a família de origem, uma vez que a maioria se manteve residindo com seus pais ou responsáveis após as uniões conjugais.

## CONCLUSÃO

O processo da gravidez tem situado o pai adolescente em espaço social à margem de ações que o auxiliem no enfrentamento dessa nova etapa, já que essa condição exigirá adaptações e mudanças nas formas de experienciá-la.

As características predominantes do perfil sociodemográfico e econômico dos pais adolescentes identificadas nesta pesquisa foram: 19 anos de idade, cor da pele parda, Ensino Fundamental incompleto, trabalha e possui rendimento menor que um salário mínimo. Todos convivem com suas companheiras, residindo com elas e filhos, ou com a família paterna e outros.

O reduzido número de participantes impede a generalização dos resultados, exigindo a replicação do estudo em amostra representativa do universo. Mesmo assim, vale ressaltar a importância do conhecimento a respeito do perfil do pai adolescente, que demonstra a necessidade de repensar as ações desenvolvidas pela equipe de saúde, a fim de incluí-lo na produção do cuidado à gravidez na adolescência, de modo a contribuir para a visibilidade social deste problema e consequente resolutividade.

Em suma, torna-se imprescindível a construção de um lugar social para a paternidade, sobretudo a adolescente. É preciso lembrar que a gravidez adolescente não é um evento exclusivamente feminino e não haverá efetiva resolução se não for dada maior atenção ao gênero masculino.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Atenção à Saúde. Marco legal: saúde, um direito de adolescentes. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2005.
2. Silva CR. Responsabilidade no exercício da sexualidade do adolescente. In: Pereira JL, Fanelli C, Pereira RC, Rios S, organizadores. Sexualidade na adolescência no novo milênio. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2007. p. 26-31.
3. Hill MF, Urso ML. Gravidez na adolescência. *Jornal da Pastoral da Criança*. 2004; 1(88):14.
4. Dias FLA, Silva KL, Vieira NFC, Pinheiro PNC, Maia CC. Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Rev enferm UERJ*. 2010; 18:456-61.
5. Santos JLO. Menino que faz menino ainda é menino? A invisibilidade da paternidade adolescente. In: Anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 8: corpo, violência e poder; 2008 ago 25-28; Florianópolis, Brasil. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina; 2008. p. 25-8.
6. Silva MMVA. O processo histórico de construção das concepções de paternidade. In: Pereira JL, Fanelli C, Pereira RC, Rios S, organizadores. Sexualidade na adolescência no novo milênio. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 2007. p. 54-65.
7. Orlandi R, Toneli MJF. Adolescência e paternidade: sobre os direitos de criar projetos e procriar. *Psicol estud*. 2008; 13:317-26.
8. Meincke SMK, Carraro TE. Vivência da paternidade na adolescência: sentimentos expressos pela família do pai adolescente. *Texto contexto - enferm*. 2009; 18:83-91.
9. Dias AB, Aquino EML. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cad Saúde Pública*. 2006; 22:1447-58.
10. Levandowski DC, Antoni C, Koller SH, Piccinini C. Paternidade na adolescência e os fatores de risco e de proteção para a violência na interação pai-criança. *Interações*. 2002; 7:77-100.
11. Silva KL, Dias FLA, Maia CC, Pereira DCR, Vieira NFC, Pinheiro PNC. A influência das crenças e valores culturais no comportamento sexual dos adolescentes do sexo masculino. *Rev enferm UERJ*. 2010; 18:247-52.
12. Oliva TA, Nascimento ER, Santo FRE. Percepções e experiências de homens relativas ao pré-natal e parto de suas parceiras. *Rev enferm UERJ*. 2010; 18:435-40.
13. Carvalho GM, Jesus MCP, Merighi MAB. Perdas e ganhos advindos com a parentalidade recorrente durante a adolescência. *O Mundo da Saúde*. 2008; 32:437-42.
14. Corrêia ACP. Paternidade na adolescência: vivências e significado no olhar de homens que a experimentaram [tese de doutorado]. Ribeirão Preto (SP): Universidade de São Paulo; 2005.
15. Reis AT, Oliveira DC, Gomes AMT. Representações sociais sobre saúde entre adolescentes de escolas públicas do Município do Rio de Janeiro. *Rev enferm UERJ*. 2009; 17:473-8.
16. Trindade ZD, Menandro MCS. Pais adolescentes: vivência e significação. *Estud Psicol*. 2002; 7:15-23.
17. Aquino EML. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. *Cad Saúde Pública*. 2003; 19: 377-88.
18. Meincke SMK. Redes sociais de apoio à paternidade na adolescência. Relatório de pesquisa financiada pelo CNPq. Brasília (DF): CNPq; 2007.
19. Ministério da Saúde (Br). Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. *Bioética*. 1996; 4:15-25.
20. Fonseca JLCL. Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção [dissertação de mestrado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.
21. Luz AMH, Berni NIO. Processo da paternidade na adolescência. *Rev Bras Enferm*. 2010; 63:43-50.
22. Heilborn ML, Cabral CS. Parentalidade juvenil: transição condensada para a vida adulta. In: Camarano AA, organizador. *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?* Rio de Janeiro: IPEA; 2006. p. 225-56.
23. Cabral CS. Contracepção e gravidez na adolescência na perspectiva de jovens pais de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro. *Cad Saúde Pública*. 2003; 19:283-92.
24. Organização Internacional do Trabalho. Legislação, trabalho, escolaridade dos adolescentes no Brasil. Brasília (DF): OIT; 2004.
25. Oliveira BRG, Robazzi MLCC. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. *Rev Latino-Am Enfermagem*. 2001; 9:83-9.
26. Kassouf AL. O efeito do trabalho infantil para os rendimentos dos jovens, controlando o Background familiar. In: XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais; 2002 nov 4-8; Ouro Preto, Brasil. Ouro Preto (MG): Associação Brasileira de Estudos Populacionais; 2002. p. 1-13.
27. Dias AB. Parentalidade juvenil e relações familiares em Salvador, Ba [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro; 2005.